

EBVROBRIGA

História . Arqueologia . Património . Museologia

Revista do Museu Arqueológico Municipal
José Monteiro
do Fundão

2013 / 2014

DEPÓSITO METÁLICO NA RIBEIRA DA GARDUNHA, CASTELEJO, FUNDÃO

Raquel Vilaça

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA. FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. CEAACP

João Mendes Rosa

MUSEU ARQUEOLÓGICO MUNICIPAL DO FUNDÃO

1 | CIRCUNSTÂNCIAS DE ACHADO

O depósito em estudo corresponde a um machado de talão de dupla argola datável dos finais da Idade do Bronze. Foi casualmente encontrado no leito da Ribeira da Gardunha (ou Sarmaça), numa propriedade agrícola denominada «Chão Entre Águas/Olival»¹. Andando o proprietário da mesma, no amanho das terras, ao redor de 1990, deparou-se com «um objecto estranho no fundo da ribeira» que recolheu. Passados anos, no dia 17 de Setembro de 2003, o achador levou o artefacto ao Gabinete do Património Histórico e Arqueológico da Câmara Municipal do Fundão a fim de ser estudado, não sabendo ao certo do que se tratava. A peça foi, entretanto, estudada e analisada, tendo sido devolvida depois ao achador. Ao que consta, encontra-se atualmente nos Estados Unidos da América² para onde o proprietário a enviou, não se percebendo bem como e com a autorização de quem. O Museu Arqueológico Municipal José Monteiro conserva molde da peça, que pode ser observado na exposição permanente.

Pelas informações compiladas, este machado corresponderá a uma deposição singular em meio húmido, semelhante a tantas outras conhecidas, quer no território português, nomeadamente na Beira Interior, quer além fronteiras. A peça em si, e muito em particular, as suas circunstâncias e contexto de achado justificam em pleno o pequeno texto que ora se publica³.

1 Pertença do Sr. Joaquim Pires Pantaleão a quem agradecemos a amabilidade dos esclarecimentos respeitantes à peça, o acesso à mesma e bem assim as informações respeitantes às circunstâncias do achamento.

2 Cf. <http://porterrasdoreiwamba.blogspot.pt/2007/03/o-machado-do-fundo-e-dura-e-dura.html>; http://porterrasdoreiwamba.blogspot.pt/2007_03_01_archive.html

3 Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto *Questionando o Bronze e o Ouro: produção e deposição do metal na Idade do Bronze do Ocidente Peninsular*, apoiado financeiramente pela Fundação Calouste Gulbenkian, a quem se agradece.

2 | LOCALIZAÇÃO, ENQUADRAMENTO GEOMORFOLÓGICO E ARQUEOLÓGICO

O sítio de proveniência do machado pertence à freguesia de Castelejo, concelho do Fundão. O local indicado pelo achador fica a poucos metros para nascente da ponte que atravessa a ribeira e que é prolongada pela estrada que liga o Castelejo a Santa Luzia. As suas coordenadas aproximadas são⁴ (Fig. 1):

Latitude - 40° 7' 22.79" N; Longitude - 7° 34' 10.69" W; Altitude - 478 m. Trata-se de uma zona de vale, deprimida, entre relevos, estruturada pelo curso da ribeira do Castelejo (Fig. 2), que se desenvolve no sentido nascente-poente, constituindo um dos principais afluentes da margem esquerda do rio Zêzere. As suas margens, bastante estreitas, são igualmente muito férteis. Desta situação de grande potencialidade agrícola fazem jus as palavras escritas, em 1848, por José Inácio Cardoso: “[...]. Estas duas ramificações formam no seu intermedio um fecundíssimo vale de 3 legoas de comprimento, pelo centro do qual corre a ribeira, que toma o nome de Castellejo da próxima Aldêa, que está na sua margem direita ...]” (Cardoso, 2005: 50).

A condição deprimida traduz-se em visibilidade limitada. Imediatamente a norte, sobre a aldeia, destaca-se a elevação do Cabeço da Ordem, com 522 m de altitude máxima e um pouco mais para nascente, o monte de S. Geães, atingindo os 593 m. Mais além, para norte, o horizonte é definido pelo maciço imponente da Serra do Gomes, que atinge no seu cume os 799 m de altitude. Para sul e poente a paisagem é marcada pelas faldas da vertente setentrional da Gardunha e pela sucessão de relevos montanhosos que se prolongam, e se multiplicam, naquela última direcção. Este quadro, traçado em linhas gerais, constitui o remate, a sudoeste, da “Cova da Beira”, extensa unidade (com c. 30 km de comprimento por c. 12 km de largura) aplanada coberta por sedimentos, por onde corre o Zêzere. Enquadrada pelas serras da Estrela, a norte, e da Gardunha, a sul, esta região destaca-se como grande referência paisagística e cultural da Beira Interior.

A zona do Castelejo e envolvente inserem-se nos limites entre o designado afloramento granítico do Fundão e Alcária, constituído por granitos de grão médio, algumas vezes quase fino, biotítico (Thadeu, 1951: 46) e o complexo Xisto-Grauváquico.

Devem também ser sublinhados os recursos mineiros existentes na região. Na zona do Castelejo são assinaladas minas de chumbo (galena) que também ocorrem mais a norte, junto à aldeia de Telhado (Thadeu, 1951: 136). Em termos mais abrangentes, a Cova da Beira e todo o vale do Zêzere sobressaem pela riqueza das suas aluviões estaníferas (Thadeu, 1965: 27), certamente um dos principais recursos que ajudam a entender a importância desta região no período em que se insere o objecto de estudo deste texto.

De um ponto de vista arqueológico, a localidade de Castelejo tinha já despertado o interesse de João de Almeida, que se reporta nos seguintes moldes ao Cabeço da Ordem onde, supostamente, estaria o Castro do

4 “Carta Militar de Portugal”, folha n.º 245, 1:25 000, Silvares (Fundão), 1946, Serviços Cartográficos do Exército.

Castelejo: «No cimo do cabeço da Ordem, 518 m, que se levanta a cavaleiro da margem direita da ribeira do Castelejo, afluente da margem esquerda do rio Zêzere, a 0,5 Km a montante da povoação deste nome, existem ainda vestígios de uma antiquíssima fortaleza». E acrescenta: «Numa posição militar de grande valor em si pela sua situação e natureza, é possível que, na origem, tivesse sido um castro lusitano de povoamento, mais tarde aproveitado pelos romanos» (Almeida, 1948: 429).

Efetivamente, o topónimo “Castelejo” pode remeter-nos para a preexistência de um possível povoado fortificado, à imagem do que acontece em inúmeros casos, nomeadamente com o seu homónimo do concelho do Sabugal (Vilaça, 1995). Todavia, até ao ano de 2002 nenhum elemento arqueológico tinha sido aí detectado⁵, sendo mesmo uma das freguesias do concelho do Fundão que não tinha qualquer representatividade no Museu Arqueológico Municipal José Monteiro. Apenas em 2002 se detectou o primeiro espécime arqueológico: era, nem mais, uma ara dedicada às divindades indígenas *Arantia* e *Arantio* (Salvado *et al.*, 2004) e que, além de tudo, revelou a existência nas proximidades de um povoado pré-romano, alegadamente *Eburobriga*.

Já fora do aro da freguesia, mas relativamente próximos e globalmente contemporâneos do machado da ribeira do Castelejo, devem ser mencionados diversos testemunhos comprovativos da ocupação do espaço. Desde logo, alguns povoados de altura, como S. Brás e S. Roque (Silva *et al.*, 2003; Vilaça, 2003; 2004; Vilaça *et al.*, 2000), sendo de destacar o Cabeça da Argemela, por ser o único que foi alvo de escavações, ainda que limitadas⁶ (Vilaça *et al.*, 2012; Marques *et al.*, 2011-2012). Igualmente digno de registo é o recente achado de uma “estela de guerreiro” próximo do Telhado, em curso de estudo⁷.

3 | O MACHADO

O machado de talão e de duas argolas de que nos ocupamos encontra-se praticamente completo, possuindo apenas ligeira fractura na zona do talão. Os bordos são tendencialmente paralelos e o gume é estreito e direito. As faces são nervuradas, sendo de notar que a nervura da lâmina de uma delas termina em botão com ténue incisão circular central. A face oposta, que se encontra bastante erodida, talvez devido ao ambiente húmido em que se encontrava, a nervura apresenta-se muito desgastada, sendo mesmo imperceptível o respectivo botão. As rebarbas laterais resultantes da fundição e da união das duas valvas do molde foram parcialmente polidas. As duas

5 Tendo um dos autores (J.M.R.) calcorreado há tempos o Cabeço da Ordem, nada se nos deparou digno de registo, não se vislumbrado sequer quaisquer fragmentos cerâmicos. Também já antes, no âmbito de um outro estudo, a prospecção efectuada no local revelou-se infrutífera (Vilaça *et al.*, 2000: 192).

6 Refira-se também a tese de mestrado de Diana Fernandes, intitulada *O castro do Cabeço da Argemela (Fundão) no seu contexto local e regional. Contributo do estudo das cerâmicas da sondagem 9*, e recentemente defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

7 Da responsabilidade dos autores, em colaboração com Joana Bizarro.

argolas são dissemelhantes, embora colocadas simetricamente. Apresenta as seguintes medidas: comprimento máximo - 23,6 cm; largura máxima - 4 cm; largura mínima - 3,1 cm; espessura máxima - 4,3 cm; espessura do talão - 1,2cm; comprimento do talão - 9,2 cm; espessura das argolas - 0,7 cm; espessura máxima do gume - 0,5 cm; peso: 0,984 gr. (Fig. 3 e 4).

De um ponto de vista tipológico, é enquadrável nos tipos 35 A (Beiras) e 35 B (Fundão) definidos por Monteagudo (1977: 206-209).

Conforme revelam múltiplos trabalhos sobre metalurgia do Bronze Final, este tipo de machados encontra-se distribuído em particular na metade norte e centro do território português, onde a sua produção também está comprovada pelo molde de Castro Daire, o único molde de bronze de machados de talão e duplo anel⁸ conhecido no território português (Teixeira, 1939).

Na Beira Interior conhecem-se, além do que ora se publica, outros machados similares (Vilaça, 1995: 397; Ferreira, 2004: 156-158): pelo menos um pertencente ao depósito de Paul (Covilhã), conservado no Museu Francisco Tavares Proença Júnior (MFTPJ) (n.º 10.533) (Coffyn, 1976: 7 e fig. 1-2; 1985: pl. XLII); um outro da Tapada das Argolas (Capinha), da “coleção Rogério Palmeiro” (Coelho et al., 1991, Est. 1); um do Monte do Carregal (Monforte da Beira), pertencente ao MFTPJ (n.º 10.540) (Monteagudo, 1977: Tafel 103-1424); dois de Lajeosa da Raia (Sabugal), do acervo do Museu da Guarda (Monteagudo, 1977: Tafel 92-1315 e 94-1328); outros três exemplares possivelmente da Beira Baixa, de lugar desconhecido, pertencentes ao MFTPJ (n.ºs 10.532, 10.536, 10.537) (Monteagudo, 1977: Tafel 92-1312, 1313, 1314); quanto a estes, admitiu-se que poderiam ser do depósito de Paul (Coffyn, 1976: 9), ou do depósito encontrado na Capinha (Fundão), composto supostamente por quatro machados (Vilaça, 1995: 81).

A peça do Castelejo apresenta grande semelhança com um dos machados de Paul (Coffyn, 1976: fig. 1-2), mormente a nervura e dimensões, tal como as argolas, ambos com uma delas mais estreita. Uma análise comparativa e minuciosa entre os vários exemplares poderia proporcionar outras informações sobre a produção deste tipo de machados, mas está fora do propósito deste texto.

O machado chegou a ser submetido a análise química elementar⁹, mas os resultados não se encontram disponíveis. Deverá corresponder a um bronze binário, à semelhança do seu congénere da Tapada das Argolas (Coelho et al., 1991).

8 Como é sabido, são muito raros os moldes em bronze. Para este tipo de machados registam-se ainda no Ocidente Peninsular os de La Macolla (Linares de Riofrío, Salamanca) e de Friol (Lugo), para além do de Baiões (S. Pedro do Sul), de machado unifacial.

9 Por iniciativa de Armando Coelho Ferreira da Silva. Todavia, por razões alheias aos signatários e ao próprio, não foi possível aceder ao teor dos mesmos.

4 | O MACHADO NO CONTEXTO DAS DEPOSIÇÕES EM MEIO HÚMIDO DA BEIRA INTERIOR

O fenómeno da deposição do metal, nas suas múltiplas manifestações, temporalidades e valências, constitui uma das temáticas sobre metalurgia mais interessantes no âmbito da investigação pré e proto-histórica europeia e peninsular. A multiplicação de publicações especializadas sobre o assunto, nomeadamente nos últimos anos, revela não só renovada valorização, como atualidade do tema na agenda dos investigadores.

Genérica e esquematicamente, podemos dizer que o estudo de um qualquer depósito exige, no fundamental, uma tripla abordagem: ao conteúdo, ao lugar de deposição e aos agentes sociais responsáveis pelo(s) acto(s) de deposição.

O caso do depósito em análise, constituído por uma única peça, inscreve-se na problemática das deposições singulares, as quais nem sempre foram devidamente valorizadas. Relendo a principal bibliografia produzida, verifica-se que tais situações foram, por norma, classificadas como “achados singulares” ou “achados descontextualizados” resultantes de perdas ocasionais, o que não é aceitável, tal e qual. A leitura que fazemos é a de que eles resultam da acção voluntária de retirar os objectos de circulação.

O assunto foi discutido recentemente por um de nós (Vilaça, 2006: 43), sublinhando-se que esses tipos de achados podem corresponder a depósitos desmantelados, originalmente constituídos por diversas peças, como podem, por si só, e com pleno direito, constituírem um depósito: a intenção terá sido a de depositar – ocultar ou oferecer a uma divindade, por exemplo –, um único objecto, ou até mesmo, em alguns casos, um fragmento de objecto, assim se cumprindo uma vontade ou obrigação, uma “não arbitrariedade”, exprimindo preocupação, devoção, ou qualquer outro preceito normativo e social. Neste sentido, aceita-se que o machado da ribeira do Castelejo possa corresponder não só a um depósito, como a um depósito completo. Todavia, não se pode descartar em definitivo a possibilidade de ser parte de um depósito originalmente constituído por outras peças.

Com todos os depósitos, e muito em particular com estes depósitos singulares, a procura de uma leitura interpretativa tem de passar pela articulação do depósito com o sítio do depósito, isto é, a “chave” pode encontrar-se não tanto na composição (número, tipo, conservação dos artefactos) do depósito, mas no lugar escolhido para a acção subjacente ao depósito.

No caso presente, e não obstante o achado ter sido feito por terceiros, as informações recolhidas são bastante credíveis quanto à associação da peça à água.

As deposições metálicas em meio húmido são conhecidas em múltiplas regiões europeias e foram desde o início (2.^a metade do séc. XIX) devidamente valorizadas pelos investigadores que se dedicaram ao estudo dos depósitos, que lhes atribuíram valor ritual, como ofertas a divindades aquáticas. Entre nós, esta questão foi igualmente discutida em trabalho recente (Vilaça, 2006: 49-60), tendo-se chamado a atenção para a pertinência de diferenciar os depósitos efetivamente aquáticos e os de margem. Estes,

como se infere, depositados em zona de fronteira, entre a terra e a água, potencialmente sujeitos a variações ambientais, ora secos, ora molhados, imergindo e emergindo de forma cíclica, ao ritmo da passagem e dos caprichos do tempo e da movimentação das águas.

É certo que, como ficou subentendido, não podemos precisar de forma absoluta se o machado em estudo teria estado no fundo do leito da ribeira ou na margem da mesma junto ao leito. Neste caso, seria relativa a informação, precisamente porque o carácter “marginal” lhe confere, por si só, mutabilidade – poderá ter sido depositado em lugar algo distinto do de seu achado –, para além do facto, não menos relevante, de que ignoramos o regime do caudal da ribeira do Castelejo há cerca de 3.000 anos. De qualquer das formas, parece ser inequívoco que se procurou valorizar a associação à água, símbolo intemporal de regeneração e fertilidade.

Por outro lado, talvez não seja igualmente inocente o achado naquele sítio preciso e não mais para montante ou mais para jusante da ribeira. É que o lugar indicado pelo achador é também aquele onde as águas da ribeira do Tormentoso (ou da Enxabarda), que correm de sul para norte, entroncam nas do Castelejo, ou seja, de novo, em situação liminar, agora de foz, de junção e simultaneamente de mutação e transformação.

Estamos mais uma vez num plano simbólico, indispensável para se aceder a uma aproximação ao entendimento que as sociedades pretéritas teriam e fariam do mundo, da forma como o conceptualizariam, percepcionariam e se apropriariam de determinados lugares. Uma das estratégias de marcar e memorizar parece ter sido através da sacralização de lugares naturais mediante a deposição do metal.

Assim, não é de estranhar que ocorram várias outras situações articuláveis com a água, que se designaram por “depósitos de margem”, e de que foi feita inventariação preliminar, aliás, já desatualizada (Vilaça, 2006: 60). Em certos casos essa associação enquadra-se também no potencial mineiro, em concreto das aluviões estaníferas e auríferas, de certos cursos de água, assunto que não cabe discutir neste texto.

Circunscrevendo-nos apenas à Beira Interior (Fig. 5), conhecem-se, além do caso em estudo os machados de Porto David (Pinhel), Cabeço da Quinta das Flores (Guarda), Vale Branquinho (Castelo Branco) (Cardoso, 1959; Vilaça, 2006: 32, 54-57; Vilaça e Gabriel, 1999) e Moinho do Maneio, na margem da Ribeira da Bazágueda (Penamacor)¹⁰.

Todos correspondem a achados singulares de machados, embora de tipo diverso, o que poderá indicar serem irrelevantes as características morfológicas e, eventualmente, cronológicas – o que expressaria igualmente diacronia para essas práticas –, mas determinante a simbologia do conceito da peça em si, enquanto instrumento de trabalho ligado à terra e, em último caso, à produção, ao trabalho.

10 A peça encontra-se em estudo por Silvina Silvério e Pedro Salvado (Blog do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior e da SAMFTPJ).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A peça de que nos ocupámos neste texto deve ser entendida em primeiro lugar, e como deixámos claro, em função do seu contexto de achado mais imediato. Tudo indica que se trata de mais um “depósito de margem”, singular, constituído por um machado.

Tem também sido sublinhado por diversos investigadores que muitos dos depósitos de bronze, sobretudo depósitos de machados, como é o caso, articulam-se com os lugares de habitação, numa presumível atitude de marcação territorial, ou seja, de projeção no espaço do poder exercido nos povoados. Deste ponto de vista, poderiam ser denominados como “depósitos periféricos” (Vilaça, 2006: 65).

O machado do Castelejo não pode enquadrar-se, de momento, nesta situação por insuficiência de dados. Todavia, não deve ser refutada em definitivo a hipótese da sua correlação com um lugar de habitação, que deverá ter existido na zona.

Como vimos, a epigrafia sugere ter existido algures por estas paragens a eventual Eburóbriga, cuja localização nos levanta, porém, ainda muitas dúvidas. A confirmar-se, a sua ocupação até poderia remontar a inícios do I milénio a.C., época em que se enquadra o machado.

Também a ênfase dada por João de Almeida ao Cabeço da Ordem, sobranceiro ao local de achado, não pôde ser confirmada pelas razões já apontadas.

Localizar-se-ia o povoado que julgamos ter existido no Monte de Santo Onofre, que se levanta na margem direita da Ribeira da Gardunha? A topografia do local oferece-nos interessantes perspectivas e alguns dos seus pontos constituem mesmo mirantes privilegiados, designadamente sobre o Cabeço da Argemela, que se localiza para noroeste, a cerca de 4 Km¹¹. Contudo, empreendendo uma incursão célere ao local nada de relevante se nos deparou, mercê por certo do facto de aquele apresentar uma cobertura vegetal bastante densa. Apenas na vertente oriental, devido a recentes movimentos de terra, encontrámos um único fragmento de cerâmica manual, ainda assim incaracterístico para que possamos, por ele, reforçar a suposição de um assentamento proto-histórico.

Como sempre, o assunto não pode ser dado por encerrado, sendo necessário continuar com o reconhecimento arqueológico da região. O achado recente, e bem próximo, da estela do Telhado, anima-nos a prosseguir, mas também nos alerta para o muito trabalho que há ainda por fazer para aceder à forma como as comunidades do Bronze Final entendiam e interagiam com o mundo. O uso do potencial simbólico da cultura material através de actos deliberados da sua deposição, como pensamos ter ocorrido com o machado do Castelejo, foi prática com a qual essas comunidades se identificaram.

11 Segundo informação colhida junto de populares, no cume desta elevação teria existido um templo com a invocação do santo que a baptiza. As chamadas ‘Memórias Paroquiais’ (1758) atestam-no, assinalando (a ermida) de «Sancto Hynofre¹¹» (Silva, 1993: 139). O pároco refere ainda que esta ermida pertencera ao «Conde de Sam Vicente [da Beira] e a largou ao povo».

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, J. (1948), *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, Lisboa.
- CARDOSO, J.I. (2005), *Orologia da Gardunha*, Fundão, Câmara Municipal do Fundão, edição fac-similada (1848).
- CARDOSO, L. (1959), Machado plano de bronze, *Conimbriga*, 1, 122-123.
- COFFYN, A. (1976), *L'âge du Bronze au Musée de F. Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco.
- COFFYN, A. (1985), *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris.
- COELHO, L.; GONÇALVES, J.L.; GIL, F.B.; BARREIRA, G.P.; PALMEIRO, R. (1991), Tipologia e análise metalográfica de um machado do Bronze Atlântico, proveniente de Capinha, Fundão, Castelo Branco, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXXI (1-4), 187-197.
- FERREIRA, A.M. (coord.) (2004), *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, Instituto Português de Museus.
- MARQUES, J.N.; ALMEIDA, S.; FERREIRA, N.; VILAÇA, R. (2011-2012), O Castro do Cabeço da Argemela. Trabalhos desenvolvidos entre 2003 e 2009, *Eburobriga*, n.º7, 78-99.
- MONTEAGUDO, L. (1977), *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. München: C. H. Beck'sche Verlagbuchhandlung (Prähistorische Bronzefunde Abteilung IX, 6. Band).
- SALVADO, P.; ROSA, J.M. e GUERRA, A.; (2004), Um monumento votivo a Arância e Arâncio, proveniente do Castelejo (Concelho do Fundão), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, n.º 2, 237-242.
- SILVA, J.C. (1993), *O Concelho do Fundão através das Memórias Paroquiais de 1758*.
- SILVA, A.C.F.; ROSA, J.M.; SALVADO, P. (2003), *Monte de S. Brás (Fundão). A Persistência do Passado na Identidade*, Cadernos do Museu Municipal José Monteiro, n.º 1, Fundão.
- TEIXEIRA, C. (1939), Molde de fundição para machados de bronze de duplo anel, *Trabalhos da Sociedade de Antropologia e Etnologia*, IX (1-2), 126-130.
- THADEU, D. (1951), Geologia e jazigos de chumbo e zinco da Beira Baixa, *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, 9 (1-2), 1-144.
- THADEU, D. (1965), *Carte Minière du Portugal – Notice Explicative*, 1/500.000, Lisboa, SGP.
- VILAÇA, R. (1995), *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, IPPAR, *Trabalhos de Arqueologia*, 9.
- VILAÇA, R. (2003), Arqueologia (pré e proto-histórica) na área da Gardunha: linhas de diagnóstico e sugestões de terapia, *Estudos de Castelo Branco*, nova série, n.º 1, 42-55.
- VILAÇA, R. (2004), O povoamento proto-histórico na periferia da Gardunha: balanço dos conhecimentos, *Eburobriga*, n.º 1, 39-55.
- VILAÇA, R. (2006), Depósitos de Bronze do Território Português. Um debate em aberto, *O Arqueólogo Português*, série IV, 24, 9-150.
- VILAÇA, R. e GABRIEL, S. (1999), Nótula sobre um machado de apêndices encontrado em Vale Branquinho (Sobral do Campo, Castelo Branco), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2 (1), 127-142.
- VILAÇA, R.; SANTOS, A.T.; PORFÍRIO, E.; MARQUES, J.N.; CORREIA, M.; CANAS, N. (2000), O povoamento do I milénio A. C. na área do concelho do Fundão: pistas de aproximação ao seu conhecimento, *Estudos Pré-Históricos*, vol. VIII, 187-219.

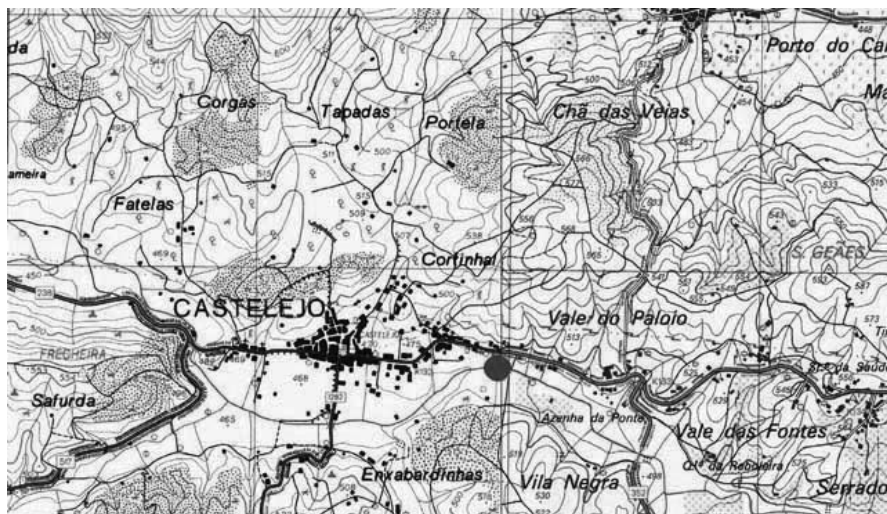


FIG.1 - Localização do achado na "Carta Militar de Portugal", folha n.º 245, 1.25 000, Silvares (Fundão), 1946, Serviços Cartográficos do Exército.



FIG.2 - Imagem da ribeira do Tormentoso no local de achado da peça (vista aproximada para Nascente).

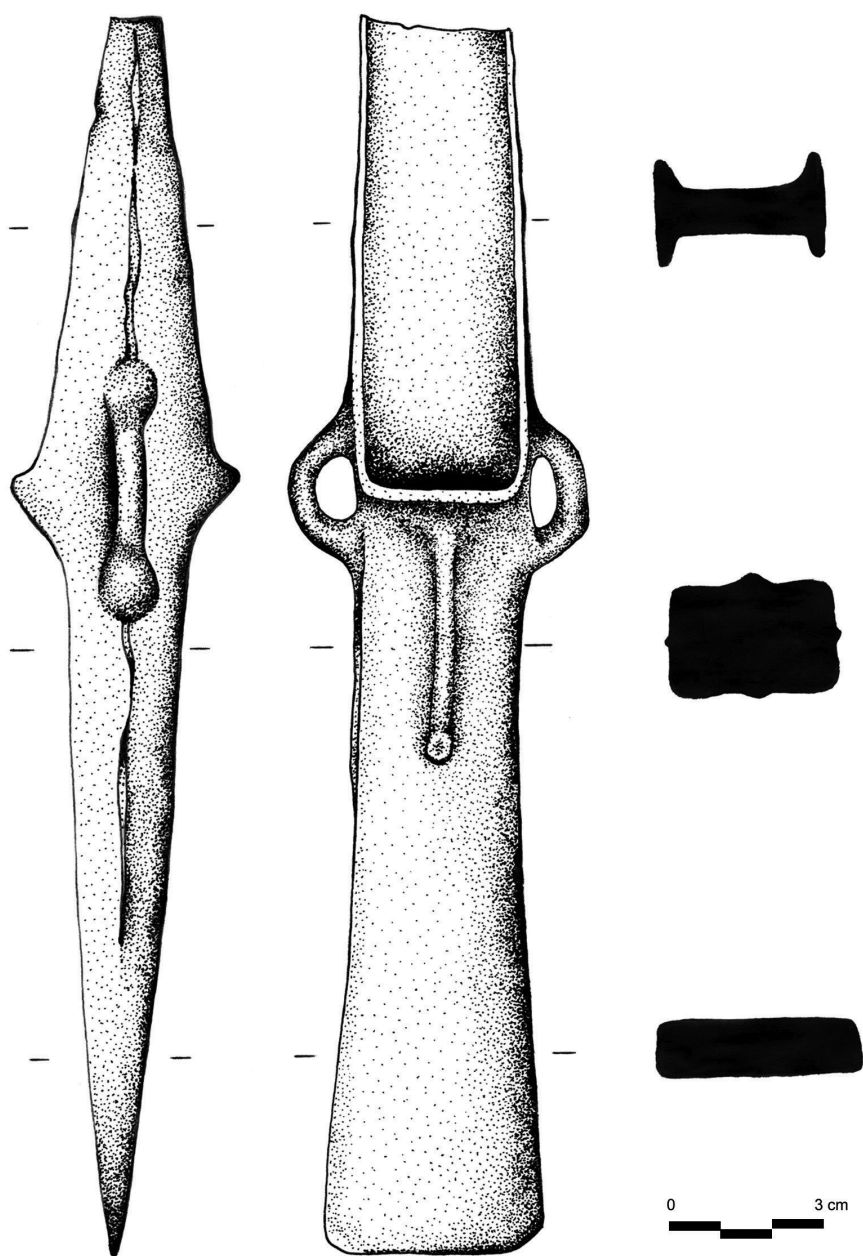


FIG.3 - Machado da ribeira do Castelejo.

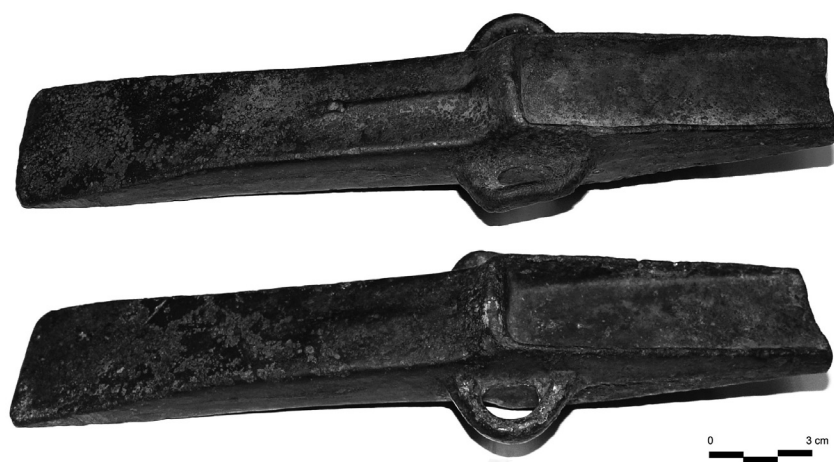


FIG.4 - Machado da ribeira do Castelejo.

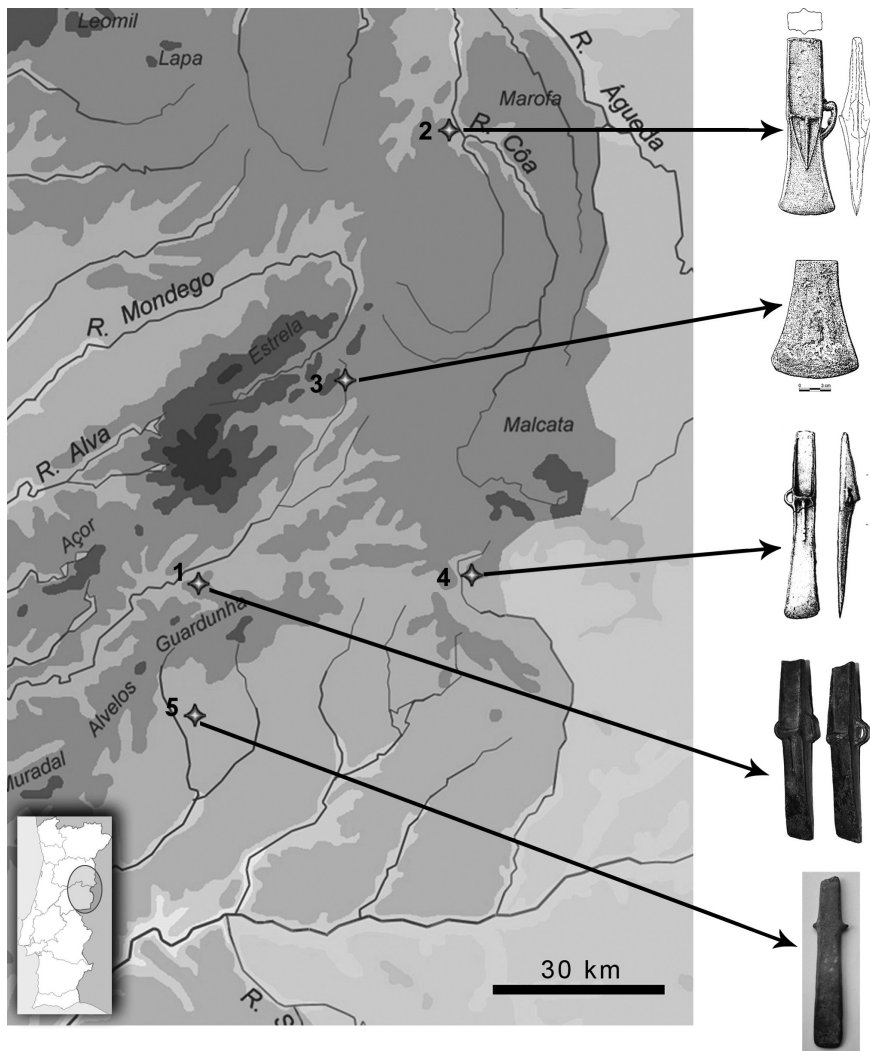


FIG.5 - "Depósitos de margem" de machados da Beira Interior: 1- Castelejo (Fundão); 2- Porto David (Pinhel); 3- Cabeço da Quinta das Flores (Guarda); 4- Moinho do Maneio (Penamacor); 5- Vale Branquinho (Castelo Branco).

